

**UMA ABORDAGEM
CONCEITUAL SOBRE A
ETNOGEOGRAFIA:
DEFINIÇÕES, GÊNESE E
FUNDAMENTOS**

*A CONCEPTUAL APPROACH TO
ETHNOGEOGRAPHY
DEFINITIONS, GENESIS AND
FUNDAMENTALS*

*UNA APROXIMACIÓN
CONCEPTUAL
A LA ETNOGEOGRAFÍA:
DEFINICIONES, GÉNESIS Y
FUNDAMENTOS*

Zenilda Lopes Ribeiro
Doutoranda em Geografia
Universidade de Brasília (UnB)
Campus Darcy Ribeiro-DF
E-mail: zenildalr@hotmail.com

Resumo:

Este artigo apresenta uma revisão teórico-metodológica sobre a Etnogeografia. Objetivou-se, a partir de uma pesquisa bibliográfica, analisar o uso do conceito Etnogeografia na produção científica de geógrafos em âmbito nacional e internacional. Esse conceito é usado para estudar as sociedades, os traços da difusão cultural, as crenças mantidas pelos membros dessa sociedade ou um determinado grupo. O resultado dessa pesquisa revelou que, a Etnogeografia pode ser aplicada para pesquisar qualquer grupo humano, mas ainda é pouco utilizada pelos geógrafos. Concluiu-se que, ao compreender a Etnogeografia como um método, o pesquisador deve se aproximar do grupo pesquisado, conhecer suas práticas, os saberes-fazeres cotidianos, as relações com o meio e suas representações.

Palavras-chave: Etnogeografia; Conceito; Método; Revisão.

Abstract

This article shows a theoretical-methodological review on Ethnogeography. Based on a bibliographical research, the objective was to analyze the use of the concept of Ethnogeography in the scientific production of geographers at a national and international level. This concept is used to study societies, traces of cultural diffusion, beliefs held by members of that society or a particular group. The result of this research revealed that Ethnogeography can be applied to research any human group, but it is still little used by geographers. It was concluded that, when understanding Ethnogeography as a method, the researcher must approach the researched group to know their practices, daily know-how, relationships with the environment and its representations.

Keywords: Ethnogeography, Concept, Method, Review.

Resumen:

Este artículo presenta una revisión teórico-metodológica sobre la Etnogeografía. Con base en una investigación bibliográfica, el objetivo fue analizar el uso del concepto de Etnogeografía en la producción científica de los geógrafos a nivel nacional e internacional. Este concepto se utiliza para estudiar sociedades, rastros de difusión cultural, creencias de los miembros de esa sociedad o de un grupo en particular. El resultado de esta investigación reveló que la Etnogeografía puede aplicarse a la investigación de cualquier grupo humano, pero aún es poco utilizada por los geógrafos. Se concluyó que, al entender la Etnogeografía como método, el investigador debe acercarse al grupo investigado, conocer sus prácticas, saberes cotidianos, relaciones con el medio ambiente y sus representaciones.

Palabras-clave: Etnogeografía, Concepto, Método, Revisión.

Introdução

Este artigo tem por objetivo analisar o uso do conceito Etnogeografia na produção científica de geógrafos na esfera nacional e internacional. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, que, a partir de um “olhar etnográfico”

(CLAVAL, 2014 p.252), buscou traçar a trajetória de estudos etnogeográficos.

Para James Blaut (1979), a Etnogeografia é o conjunto de todas as crenças geográficas mantidas pelos membros de um grupo. Esse grupo pode abranger uma cultura, uma classe, uma profissão, entre outros. Assim, há uma Etnogeografia específica de cada grupo. Os etnogeógrafos estudam as crenças geográficas do grupo, enquanto os etnógrafos estudam o grupo e seu comportamento. Há outros aspectos que distingue a etnogeografia da etnografia e essas diferenças serão esclarecidas no decurso do texto.

A Etnogeografia constitui, pois, o conjunto de saberes-fazer vernaculares de um grupo. É um termo polissêmico e essa polissemia foi evidenciada nos diversos estudos realizados, sejam aqueles que abordam os indivíduos sejam os que estudam o grupo.

Neste artigo, estão dispostas oito Etnogeografias realizadas no século XXI, distintas entre si, mas equivalentes na descrição densa. No grupo de professores, Martin (2005) pesquisou o ensino de Geografia nas series iniciais. No estudo do grupo de indígenas, Albert e Tourneau (2007) apuraram os padrões espaciais de uso da terra, e Paladim Júnior (2011) investigou a educação escolar e espacialização. Henry (2012) fez um estudo das relações entre pastores e paisagens; Heinhold (2016) investigou jovens muçulmanos xiitas; Almeida (2008) apurou as identidades territoriais do sertanejo; Feitosa (2017) estudou cultura e identidade de uma comunidade quilombola; Santos (2019), a partir da cartografia social, esquadrinhou a vida ribeirinha.

Desse modo, espera-se que este artigo contribua para a ampliação do conhecimento científico e estimule pesquisas com base na Etnogeografia.

Arqueologia da abordagem etnogeográfica

Paola Sereno (1978 *apud* DE BARROS-MOTT, 2018) distingue quatro orientações de pesquisas em Etnogeografia. Os primeiros estudos foram baseados em “gêneros de vida”, pesquisados por Ratzel, Vidal de La Blache, Max Sorre. Em seguida, o tópico “casa rural” despertou o interesse de pesquisadores, como Demangeon e Biasutti. Posteriormente, uma temática particular que buscava o estudo do planejamento do território, Paola Sereno denominou “Etnogeografia Soviética”. E, por último, a “geografia cultural” cujo conceito de cultura, formulado por Franz Boas e Alfred Kroeber, foi interpretado e popularizado por Carl Sauer sob o título de “Geografia Cultural” em 1931. A autora considera que esses estudos eram pesquisas etnogeográficas, contudo o termo ainda não se fazia presente.

O radical *etno* começa a ser utilizado nos estudos no final do século XIX. Paul Claval (1999) explica que, ao pesquisar os conhecimentos botânicos de tribos indígenas, o americano John W. Harshberger cunhou, em 1895, o termo etnobotânica. E usando a Etnobotânica, o geógrafo Carl Sauer e seus alunos realizaram inventários de plantas e seus variados usos nas civilizações indígenas. Assim, estavam lançadas as bases para estudos com Etnogeografia, desenvolvida, posteriormente, pela “Escola de Berkeley”.

Dessa forma, a Etnogeografia começou nos Estados Unidos na Universidade de Berkeley, onde se graduou a maioria dos assim chamados etnogeógrafos. Entre eles, William Denevan que, atuando como professor no Departamento de Geografia de Wisconsin-Madison, com seus alunos, realizou várias pesquisas com os povos

ameríndios com enfoque nas atividades de assentamento de colonos estrangeiros na América Latina (DAVIDSON, 1981).

No início do século XX, o antropólogo Bronislaw Malinowski, a partir de um longo trabalho de campo, com observação participante e vivência com nativos das ilhas Trobriand, na Nova Guiné, desenvolveu a Etnografia. Sua pesquisa, realizada entre 1914 e 1918, cujo resultado foi publicado, em 1922, com o título “Os Argonautas do Pacífico Ocidental”, inferiu que o trabalho de campo deveria ter lógica científica, condições de trabalho e métodos claros. Nesse sentido, a ciência antropológica, com habilidade, desenvolveu um método de adentrar nos lugares e manter relações de contato com as populações pesquisadas.

A Etnogeografia, desenvolvida pelos geógrafos, está alicerçada na Etnografia criada pelos antropólogos. Nesse raciocínio, poderia imaginar que a Etnogeografia seria o resultado da somatória da Etnografia com a Geografia. Todavia, a Etnogeografia contempla outras áreas do conhecimento com o radical *etno*, como por exemplo, a Etnologia e Etnobotânica que serviram de base para as pesquisas de Geografia Histórico-Cultural da Escola Saueriana. Em primeiro plano, os limites, entre etnografia e etnogeografia, não estão bem estabelecidos, porém um estudo de etnogeografia deve, necessariamente, contemplar a geografia. Além disso, reduz o protagonismo absoluto antropocêntrico da etnografia e dá enfoque mais descritivo e analítico ao quadro natural, para interpretar as relações indissociáveis entre homem e meio.

Os estudos etnogeográficos estadunidenses tiveram como principal foco estudar as sociedades e recursos naturais fora dos Estados Unidos. É isso que revela Wendell Bennett (1947), um dos

membros do Conselho Etnogeográfico criado em 16 de junho de 1942. O Conselho Etnogeográfico era um comitê conjunto de três conselhos de pesquisa (National Research Council, American Council of Learned Societies, Social Science Research Council) com o apoio logístico de escritório e secretariado da Smithsonian Institution Washington DC. Esses quatro patrocinadores tinham a função de fornecer para agências governamentais, civis e militares, informações de guerra e diversos tipos de ações que seriam realizadas ou planejadas em qualquer área fora dos Estados Unidos. O objetivo principal do Conselho Etnogeográfico era tornar acessível aos militares de Washington e agências de guerra informações regionais específicas e dados da sociedade pesquisada.

Verifica-se que os recursos acadêmicos e científicos do país foram disponibilizados para pesquisa etnogeográfica voltada para a guerra. Os intelectuais foram mobilizados para estudar as regiões geográficas do mundo, onde eram coletados e classificados dados e mantidos em repositórios centrais ou publicados em documentos abrangentes.

Um desses documentos, de acordo com Bennett (1947), foi o manual sobre sobrevivência, um livreto de bolso à prova d'água "*Survival on Land and Sea*" (Sobrevivência na Terra e no Mar), do qual, aproximadamente, um milhão de cópias foram distribuídas às forças armadas. Além disso, o Conselho deu assistência à Marinha em sua distribuição notas de área (e idioma); Lista parcial de especialistas da Oceania em Washington; Lista de materiais disponíveis para a guerra; arquivo de pesquisa intercultural nas ilhas japonesas mandatadas do Pacífico; Arquivo Mundial de Especialistas em Áreas e Idiomas; Relatórios de estudos de área em Universidades Americanas; dados sobre indígenas bolivianos.

Para a pesquisa etnogeográfica, Bennett (1947) relata que tiveram um problema, porque os militares operam em termos de áreas de conhecimento enquanto as universidades são organizadas por disciplinas. Diante disso, eles adaptaram o conhecimento das disciplinas das categorias geográficas para aquelas utilizadas pelo Governo e dividiram as tarefas. O *American Council of Learned Societies*, que representava as humanidades, ficou responsável pelo Programa Intensivo de Linguagem para ensinar oficiais das forças armadas a falar diversas línguas como russo, chinês, japonês, malaio, entre outras. Assim, o Conselho Etnogeográfico focou nas questões geográficas, culturais e aspectos da área.

O Conselho Etnogeográfico funcionou de forma plena até junho de 1945 e, formalmente, foi dissolvido em 31 de dezembro de 1945. Wendell Bennett (1947, p.22) ressalta que:

Deve ser sempre lembrado que o Conselho Etnogeográfico foi principalmente um órgão de emergência com a intenção de usar o conhecimento acadêmico para a execução bem-sucedida da guerra (Tradução nossa).¹

Com o término da Segunda Guerra, os etnogeógrafos norte-americanos se voltam para outras demandas, relacionadas à América Latina. Para uns, o interesse estava nos nativos da América, sobretudo da Amazônia e Andes, como se pode verificar em Denevan (1992), que combinava Etnogeografia com estudos de Ecologia, na pesquisa sobre os povos pré-colombianos.

Outras pesquisas usavam o método etnogeográfico, mas o termo não era exibido como nos trabalhos de Xavier de Planhol, de

¹“It must always be remembered that the Ethnogeographic Board was primarily an emergency body intent on using academic knowledge for the successful execution of the war”.

1957 e 1968, sobre as ideologias religiosas no mundo muçulmano; de Jean Gallais, em 1967, sobre o delta do Níger. Em 1972, no jornal *Le monde*, o general Hurault publicou um artigo sobre os indígenas da Guiana, no qual foi citado o termo etnogeografia. Na década de 1980, vários estudos etnogeográficos foram realizados, entre eles, George Condaminas trata de espaço social de populações do Sudeste asiático; em 1981, Christian Taillard publica um artigo com Etnogeografia, que serviu para difundir o termo e é, a partir desse momento, que o termo passa a ser conhecido; Augustin Berque realiza um profundo estudo sobre a sociedade japonesa em 1982; e Joel Bonnemaïson, em 1987, sobre o universo das pessoas de Tanna (CLAVAL, 1999).

Deve-se ressaltar que tanto Berque quanto Bonnemaïson se diferenciam da perspectiva de pesquisa de Sauer e aquela desenvolvida pela Escola de Berkeley. Esses autores francófonos lograram êxito em analisar as subjetividades adentrar nas sensibilidades, como por exemplo, a trajetória de Berque (2017) que mostra o movimento contínuo entre ambiente modificado pela técnica e humanizado pelo símbolo.

A década de 1970 foi um período frutífero da etnogeografia latina americana. William Davidson (1981) analisou em torno de 100 títulos e identificou que a maioria das pesquisas dos geógrafos da América do Norte com Etnogeografia apresentava os subcampos da Geografia Cultural, a saber: colonização estrangeira; a história das populações; ecologia de subsistência tradicional; modo de vida dos ameríndios; história da cultura; biogeografia; mudança de cultura; etnias; uso da terra; distribuição da população e habitats modernos. Para o autor, os geógrafos, tradicionalmente, ficaram atrás dos antropólogos na coleta mais abrangente de informações

sobre as sociedades ameríndias existentes, mas, na década de 1970, produziram-se projetos de grande expressividade.

Um marco da Etnogeografia francesa ocorreu em outubro de 1990: o colóquio internacional “Etnogeografias”, organizado por Paul Claval, do laboratório Espace et Cultures, e por Singaravelou, do Centre d'études de géographie tropicale (CEGET). Nesse colóquio, os geógrafos de Bordeaux apresentaram suas pesquisas, realizadas no exterior, nas quais fizeram uso do método etnogeográfico (HUETZ, 1997).

Debateram assim as geografias vernaculares, dos saberes-fazeres geográficos tradicionais, transmitido pela oralidade, pelas práticas e pela experiência vivida e compartilhada pela sociedade. Contudo, em sociedades complexas ocorre uma especialização dos saberes, conforme aponta Claval:

As etnogeografias das sociedades de estrutura social complexa que a história vê surgir ocupam sempre um amplo lugar – um lugar frequentemente dominante- nas formas vernaculares de transmissão de experiências. (CLAVAL, 2014, p.42).

Para Claval, a Geografia Científica não deve se afastar das práticas dos saberes-fazeres da sociedade. Como disciplina, a Geografia Científica deve exercer uma reinterpretação das geografias vernaculares. Nos séculos XIX e XX, quando a geografia humana adquiriu sua forma moderna, os geógrafos adotaram o hábito de recorrer a informantes privilegiados, cujas experiências saberes-fazeres todos respeitavam, porque eram os “notáveis”, o padre, o prefeito, o professor, o fazendeiro ou aquele que exercia a liderança. Ao fazer essa prática de pesquisa, os geógrafos se tornaram cativos da lógica do sistema dominante e isso os levou a

negligenciar o ponto de vista dos que padeciam do sistema, além disso, eles ignoravam as minorias.

Essa reinterpretação das geografias vernaculares exige uma mudança de paradigma. É função do geógrafo interrogar a população que o interessa. Como proceder e a quem questionar é esclarecido por Paul Claval (2014 p. 72), quando ele sentencia que “o pesquisador precisa conhecer as geografias vernaculares das populações sobre as quais trabalha e explorar as lógicas que motivam aquele que ele interroga”. Para isso, tal como os etnólogos, é primordial fazer imersão no meio, observação participante e descrições consistentes.

Definição de Etnogeografia: uma curiosidade antiga

O conceito é o dispositivo mais importante no processo de construção do conhecimento. A Etnogeografia, definida pelo Conselho Etnogeográfico, referia-se ao “estudo dos recursos humanos e naturais das áreas do mundo”² (BENNETT, 1947 p. 3). Essa definição do Conselho é extremamente vaga, talvez de forma até proposital. Para Blaut, “etnogeografia se refere ao conjunto de todas as crenças geográficas mantidas pelos membros de um determinado grupo humano em um determinado tempo”³ (1979 p.2). De forma simplista, Staszak (1996, p.39) afirma que a “Etnogeografia pode ser definida simplesmente como a análise de conhecimento geográfico”. Partindo dos estudos de Etnografia de Clifford Geertz (2008), que analisa as culturas estrangeiras, por meio da “thick description” (descrição densa), Boogaart destaca o foco da Etnogeografia:

²“Is the study of human and natural resources of world áreas”.

³ “Ethnogeography is the set of all geographical beliefs held by the members of a definite human group at a definite time”

A etnogeografia se concentra na habitação coletiva, na descrição densa, na forma como as pessoas constroem, usam, conceituam seu ambiente, como cultivam certas ideias, relações e ações rituais em humanos (tradução nossa)⁴ (BOOGAART, 2001 p.43).

Almeida (2008, p. 332) aponta que a Etnogeografia “busca penetrar na intimidade dos grupos culturais, o vivido pelos homens, concretizado em crenças, valores e visão de mundo”. Já para Paladim Júnior (2011, p.177), “Etnogeografia, é uma dialogicidade entre o saber popular e a ciência”. Enquanto, Feitosa (2017 p.36) definiu como “o estudo e a análise da distribuição geográfica de povos e etnias e seu comportamento em relação ao meio ambiente em que vivem”.

Avery Kolers (2017, p.748) desenvolveu uma teoria política do território em torno da ideia de “Comunidade etnogeográfica”. Parte do conceito de Terra e das diferentes concepções do que é a Terra, e, para compreender essa diversidade de ideias, usou o termo "etnogeografia". Ele se refere à Etnogeografia como “uma cultura específica da ontologia da terra – um conjunto de crenças sobre o que é a terra e como as pessoas se relacionam com ela”⁵. A definição de Kolers traz as crenças como a ideia intrínseca da Etnogeografia.

Essa concepção é a mesma defendida por Blaut (1979) ao afirmar que a noção de sistemas de crenças é o conceito central na Etnogeografia. Esse conjunto de crenças, relativamente ordenado,

⁴“Ethnogeography focuses upon collective dwelling, the thick description of how people build, use, and conceptualize their environment and how this in turn cultivates certain ideas, relations, and ritual actions in humans”.

⁵ “is a culturally-specific ontology of land a set of beliefs about what land is and how people relate to it”.

forma um sistema de crenças e cada sistema é examinado, na etnogeografia, a partir de pelo menos três princípios que fundamentam seu uso:

- 1) Contra etnocentrismo: a Etnogeografia parte da posição axiomática de que as crenças científicas de qualquer grupo são tão científicas, tão teóricas, como os de qualquer outro grupo; a Etnogeografia permite examinar crenças geográficas conforme são expressas em linguagem natural.
- 2) Confiabilidade: a Etnogeografia usa metodologias de pesquisa que obtém informações bastante exatas.
- 3) Autoconhecimento: apreender sobre o próprio ser é sua maior virtude, pois a pesquisa etnogeográfica possibilita examinar as próprias crenças e seus vínculos culturais e sociais, e pode fazer muito bem à profissão ligada à cultura.

Paul Claval (1999) a descreve como um método etnogeográfico. Para Almeida (2008), o foco do método etnogeográfico se concentra na diversidade de organizações espaciais delimitadas pelos padrões culturais. Feitosa (2017) o avalia como um conceito a descobrir e a Geografia Cultural fornece suporte tanto teórico quanto epistemológico para o uso desse método.

Para Thomas Boogaart (2001, p.44), “a etnogeografia fica aquém de um método formal. É uma estrutura interpretativa”⁶. Para ele, essa estrutura detém alguns princípios gerais que podem ser adaptados e aplicados para estudar qualquer grupo humano no mundo. Com essa definição, Boogaart convida os geógrafos a recorrer à Etnogeografia como uma valiosa prática para estudar o poder do lugar.

⁶: “The ethnogeography falls short of a formal method. It is an interpretive framework”.

Na maioria dos estudos etnogeográficos, as pesquisas estão voltadas para grupos de culturas tradicionais, sociedades ameríndias, comunidades de área rural entre outras. Nessas pesquisas, busca-se compreender seus modos de vida, sistemas de produção, organização espacial e localização. Seria de supor que a Etnogeografia é utilizada para pesquisar alguma cultura específica ou todos os grupos? Para Blaut (1979, p. 2), “Em princípio, existe uma etnogeografia de cada grupo humano”⁷. Igualmente Claval (1999, p.74) afirma que “todas as sociedades merecem ser estudadas na ótica etnogeográfica, porque todas refletem ao menos em parte as representações que seus membros compartilham”.

Em 1979, quando James Blaut publicou “Some Principles of Ethnogeography”, expôs que, naquela época, estava na moda anexar o prefixo 'etno' a uma palavra – como, por exemplo, Etnobotânica, Etnomedicina e Etnociência. Essa última engloba todos os *ethnos* e revelava ser uma excelente abordagem para o estudo das crenças empíricas. Staszak (1996) assegura que a Etnociência é um termo que foi cunhado, na década de 1950, na Universidade de Yale, para designar o estudo do saber popular.

As definições elaboradas pelos autores revelam a multidimensionalidade implícita no conceito de Etnogeografia, esse aspecto requer uma abordagem transdisciplinar, de modo que a pesquisa etnogeográfica demanda uma forma holística do pensamento e, mais do que apresentar respostas, busca estimular a reflexão e a curiosidade científica.

⁷: “In principle, there is an ethnogeography of every human group”.

Produção geográfica a partir da Etnogeografia: alguns estudos

Os Estudos Etnogeográficos foram realizados com diversos grupos sociais de comunidades tradicionais, população indígena, trabalhadores do campo, educação e religião. Eis algumas pesquisas brasileiras e estrangeiras, realizadas no século XXI, nas quais a Etnogeografia foi aplicada tanto como conceito quanto como método.

Pesquisas estrangeiras de Etnogeografia

A educadora Fran Martin (2005) pesquisou o ensino de Geografia nas series iniciais, focada nos professores dessa fase, e baseada na teoria curricular e pedagógica, investigou a relação entre saberes acadêmico e etno-saberes. A partir disso, desenvolveu um novo paradigma na geografia primária, a Etno-geografia. Propõe, assim, nova forma de conceituar Etnogeografia como “Primary Geography”, destacando a importância de ouvir as vozes das crianças para que elas possam aprender a viver no mundo, objetivando maior justiça social. Embora sua pesquisa tenha ocorrido no contexto do ensino primário de Geografia, ela aponta que pode ser aplicada para outros ciclos da educação.

Albert e Tourneau (2007), por meio de uma pesquisa bastante elucidativa, estudaram os padrões espaciais de uso da terra e exploração de recursos florestais em uma comunidade Watorikiteripê povo Yanomami-Brasil. O Estudo Etnográfico mostrou que a organização do espaço desse povo tem a forma reticular, estruturada por uma rede cruzada de pontos e linhas.

Nessa pesquisa, os autores concluíram que, na Etnogeografia Yanomami, o conhecimento é organizado por uma rica toponímia que consiste em um conjunto de lugares unidos por caminhos interconectados, cuja principal rota, caminho do pai, é a

vértebra dessas redes, entrelaçando com a rede local outras trilhas e lugares, rios e riachos também recebem nomes. Fora desse sistema de entrecruzamento, encontra-se uma área denominada de “floresta fechada”, onde não é permitido circular.

Dominique Henry (2012) fez um estudo das relações entre pastores e paisagens. Sua pesquisa etnogeografia dos criadores nas montanhas dos Pirineus, altos vales do Gave de Pau (França), ocorreu a partir de duas dimensões: material e simbólica. Ele considerou tanto a espacialidade e a temporalidade dos fenômenos da paisagem quanto os sistemas de racionalidade subjetiva dos criadores nas suas práticas na paisagem. Diz ele sobre a pesquisa:

A originalidade da execução do método de etnogeografia nas paisagens pastorais repousa sobre uma combinação de abordagens que, muito mais do que reunir procedimentos, joga no seu entrelaçamento⁸ (HENRY, 2012 p.143).

A esse estudo, em que conviveu com os pastores, ele chamou de Etnogeografia do encontro, entre ele pesquisador e os criadores. Os diálogos com os pastores ocorridos nas paisagens possibilitaram ouvir seus modos de viver e trabalhar, suas formas de pensar a relação sensível com a montanha e se aproximar de sua experiência camponesa do espaço.

Na Grã-Bretanha, Heinhold (2016) investigou jovens muçulmanos xiitas, da Comunidade Xiita Twelver em Londres, e seu envolvimento com redes religiosas transnacionais, ou seja,

⁸ L'originalité de la méthode d'ethnographie des paysages pastoraux mise en oeuvre repose sur une combinaison d'approches qui, bien plus qu'une mise bout à bout de démarches, joue sur leur entremêlement.

optou por fazer uma Etnogeografia focada nos indivíduos dentro do grupo.

Essas duas pesquisas apresenta abordagem diferente da saueriana. A pesquisa de Henry (2012) se desvincula da análise estritamente material e Heinhold (2016) aposta no indentitário. Nota-se, assim, a transição em direção a uma etnogeografia não totalizante.

Pesquisas brasileiras de Etnogeografia

Maria G. de Almeida (2008), no artigo “uma leitura etnogeográfica do Brasil Sertanejo”, a partir das representações, interpretou as identidades territoriais e a etnoterritorialidade do sertanejo do sertão brasileiro. A autora revelou que usou a expressão “etnogeográfica” para chamar a atenção sobre o pouco uso do termo pelos geógrafos brasileiros.

Paladim Júnior (2011, p.24) pesquisou a educação escolar, a espacialização e a territorialização do povo Xakriabá no norte de Minas Gerais, partindo do entendimento da Etnogeografia como resultado dos “encontros entre o saber popular, pelos liames do etnoconhecimento, e do conhecimento científico”.

Em Etnogeografias desenvolvidas com grupos denominados de “comunidades tradicionais”, destacam-se Feitosa (2017) com Estudo Etnogeográfico substanciado na história de vida na Comunidade Quilombola do Moinho em Alto Paraíso de Goiás, onde buscou elucidar aspectos da cultura, identidade e as estratégias para perpetuar o conhecimento da medicina natural com plantas e ervas do cerrado. Por sua vez, Santos (2019) fez uma Etnogeografia conjugada com a cartografia social da vida ribeirinha em São Gonçalo Beira-Rio e Bonsucesso – MT, um estudo do lugar associando a degradação do Rio Cuiabá à inserção das peixarias nessas comunidades.

Problemas no uso da Etnogeografia

A etnogeografia como um sistema de crenças, produz equívocos. Para Blaut (1993) uma das crenças mais propagadas é que a difusão da civilização europeia resultou no progresso para o resto do mundo, e essa crença não se baseia nos fatos histórico-geográficos, mas na ideologia do colonialismo.

Essa ideologia causa ideia distorcida da realidade. Denevan (1992) destaca que foi difundida pelos colonizadores a crença de que a América, em 1492, era pouco povoada; entretanto, as evidências concretas, a partir da análise da paisagem, mostram que eram áreas humanizadas com grandes populações.

Para Denis Retaille (1995, p.19), “A etnogeografia, se existir, deve ser definida e praticada conscientemente”⁹. O autor sugere que essa prática tenha abordagem explícita enraizada na Geografia, tanto no objeto, métodos, quanto nos conceitos e deve se concentrar nas representações.

Já Staszak (1996) considera que a Etnogeografia tem problemas e ocorre devido a sua natureza recente e pouco desenvolvida dos estudos, mas isso, de modo geral, relaciona-se com todas as Etnociências, cujos métodos ainda permanecem incertos. O primeiro desses problemas se refere ao conteúdo: quais estudos podem ser realizados? O segundo é metodológico: como realizar este estudo? O terceiro pertence à epistemologia: qual a legitimidade científica deste trabalho?

Essas questões também foram levantadas por Claval (1999), ao apontar que existem muitos estudos de Etnogeografias,

⁹ “L’ethnographie, si elle existe, doit être définie et consciemment pratiquée”.

mas não são coerentes. Para isso, propõe um domínio sobre o que estudar seguido da interpretação dos dados recolhidos. O que explorar com a Etnogeografia? As representações do mundo, as relações com o meio, o homem e a vida social. Claval, ao elencar as razões pelas quais os geógrafos devem se interessar pela Etnogeografia, aponta que:

O mundo que nós estudamos é moldado pela ação dos homens e se encontra marcado por saberes, seus desejos e aspirações. A geografia que praticamos e que acreditamos científica [...] não é tão universal quanto nós imaginamos (CLAVAL, 1999 p.70).

Esse campo de estudo é bastante profícuo. Primeiro por ser movido pela curiosidade; segundo, porque é indispensável para compreender o espaço onde se vive.

Conclusão

Ao realizar esta pesquisa bibliográfica sobre Etnogeografia, procurou-se indicar que existem estudos relevantes, realizados por geógrafos, os quais compõem o corpo deste artigo. Ao pesquisar no Google Scholar a quantidade de entrada para a palavra, na língua inglesa “Ethnogeography” há 3520 registros, em português “Etnogeografia” o volume de publicações diminui para 639, em francês “Ethnogéographie” a oferta reduz para 434. Esses números, entretanto, mostram tanto textos originais ou apenas citação.

Além das referências bibliográficas, contidas neste artigo, outras literaturas foram examinadas. Nesse conjunto de obras, constatou-se que a abordagem etnogeográfica ainda está para ser compreendida, existem estudos minuciosos de grupos e sua relação com o espaço sem, contudo, aparecer o termo Etnogeografia. Outros

trazem o termo apenas uma única vez no título do trabalho. A questão que se coloca é que a Etnogeografia não pode ser banalizada e servir tão somente como “enfeite” como também não pode ser obscurecida.

Mesmo que esse termo tenha sido utilizado desde a década de 1940, não há dúvida de que a Geografia não desenvolveu um grande número de pesquisas etnogeográficas e um debate científico mais aprofundado sobre esse conceito. Ressalta-se que a etnogeografia é uma alternativa de abordagem para todas às áreas do conhecimento. Uma premissa básica para um Estudo Etnogeográfico é o pesquisador possuir curiosidade por grupos culturais distintos vivendo em vários lugares do mundo.

Referências

ALBERT, Bruce. LE TOURNEAU, François Michel. Ethnogeography and Resource Use among the Yanomami. Toward a Model of Reticular Space. *Current Anthropology*, University of Chicago Press, 2007, 48 (4), p.584-592. Disponível em: <http://www.ihel.univ-paris3.fr/sites/www.ihel.univ-paris3.fr/files/Le%20tourneau&Albert.pdf> Acesso em: 06 mar. 2022.

ALMEIDA, Maria Geralda. Uma Leitura Etnogeográfica do Brasil Sertanejo. In: SERPA, Ângelo. (Org.) *Espaços Culturais: vivências, imaginações e representações*. Salvador: Edufba, 2008, p. 313-336. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/bk>. Acesso em: 03 jul. 2021.

BENNETT, Wendel Clark. *The ethnogeographic board*. Smithsonian Miscellaneous Collections vol. 107, n. 1 City of Washington. Published by the Smithsonian Institution. April 14, 1947 Disponível em: https://repository.si.edu/bitstream/handle/10088/22820/SMC_107_Bennett_1947_1_1-135.pdf Acesso em: 05 jul. 2021.

BERQUE, Augustin. A cosmofoania das realidades geográficas. *Geograficidade*, v.7, n.2, p.4-16, Inverno, 2017.

BLAUT, James Morris. Some Principles of Ethnogeography. In: GALE, Stephen. OLSSON, Gunnar (orgs.). *Philosophy in Geography*. Theory and Decision Library (An International) Series in the Philosophy and Methodology of the Social and Behavioral Sciences), vol. 20. Springer, Dordrecht. Holland 1979. Chapter USD 29,95 Disponível em: <https://library.springer.com/> Acesso em: 01 jul. 2021.

BLAUT, James Morris. *The Colonizer's Model of the World: Geographical Diffusionism and Eurocentric History*. New York City: Guilford Press, November 30, 1993.

BOOGAART, Thomas. The power of place: from semiotics to ethnogeography. *Middle States Geographer*, 2001, 34:38-47 Disponível em: https://msaag.aag.org/wp-content/uploads/2013/05/5_Boogaart_II.pdf. Acesso em: 10 ago. 2021.

CLAVAL, Paul. Etnogeografias - Conclusão. *Espaço e Cultura, UERJ-RJ*. n. 7 p.69-74, jan./jun. de 1999. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/>. Acesso em: 01 jul. 2021.

_____. Epistemologia da geografia. Tradução: Margareth de Castro Afeche Pimenta e Joana Afeche Pimenta. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UDSC, 2014.

Davidson, William V. Recent Ethnogeography on Historic Latin America. Proceedings of the Conference of Latin Americanist Geographers, vol. 8, 1981, p. 198–208. *JSTOR*, Disponível em: www.jstor.org/stable/25764941. Acesso em: 6 ago. 2021.

DE BARROS-MOTT, Luiz R. SERENO, Paola. L'etno-geografia. In: *Études rurales*, n. 69, 1978. p. 127-128; Fichier pdf généré le 31 mars 2018. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/rural_0014-2182_1978_num69_1_2370_t1_0127_0000_1. Acesso em: 21 jul. 2021.

DENEVAN, William. The Pristine Myth: The Landscape of the Americas in 1492, *Annals of the Association of American Geographers*, vol. 82, 1992 – p. 369-385. Disponível em: <http://people.uncw.edu/simmonss/Denevan%20%20The%20Pristine%20Myth%201992.pdf>. Acesso em: 11 abril 2022.

FEITOSA, Eliana Aparecida S. Santos. *Identidade e Cultura: estudo etnogeográfico da comunidade tradicional do moinho em Alto Paraíso de Goiás / Brasília: Universidade de Brasília, 2017,159p.* (Dissertação, Mestrado em Geografia). Disponível em:

<https://repositorio.unb.br/handle/10482/31493>. Acesso em: 03 jul. 2021.

HEINHOLD, Chris. Ethnogeography As a Theoretical Framework for Examining Generational Dynamics within Transnational Shia Networks. *III ISA Forum of Sociology*. Conference. Vienna, Austria, July 10-14, 2016. Disponível em: <https://isaconf.confex.com/isaconf/forum2016/webprogram/Paper81073.html> Acesso em: 05 jul. 2021.

HENRY, Dominique. *Entre-tenir la montagne: paysage et ethnogéographie du travail des éleveurs en montagne Pyrénéenne: hautes vallées du Gave de Pau, de Campan et d'Oueil-Larboust*. Géographie. Université e Toulouse le Mirail - Toulouse II, 2012. Français. Disponível em: <https://tel.archives-ouvertes.fr/file/index/docid/762521/filename/HenryDominique1these.pdf> Acesso em: 10 abril 2022.

GEERTZ, Clifford. Thick Description: Toward an Interpretive Theory of Culture. In: OAKES, Timothy. PRICE, Patricia L. *The Cultural Geography Reader*. 1st Edition. London and New York: Routledge, 2008 p.29-39.

HOLZER, Werther. A trajetção: reflexões teóricas sobre a paisagem vernacular. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Espaço e cultura: pluralidade temática**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p.155-172.

HUETZ, Alain Lempis. Les géographes de Bordeaux et l'Outre-Mer. In: *Cahiers d'outre-mer*. n. 200 - 50e année, Octobredécembre 1997. Bordeaux et l'Outre-Mer 1948-1997. p. 541-573; Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/Caoum0373-58341997num502003668> Acesso em: 06 jul. 2021.

KOLERS, Avery. *Land, Conflict, and Justice: A Political Theory of Territory*. New York: Cambridge University Press, 2009. Disponível em: <https://books.google.com.br/> Acesso em: 18 jul. 2021.

_____. Latin america in theories of territorial rights. *Revista de Ciencia Política*, vol. 37, n. 3, 2017, p. 737-753. Pontificia Universidad Católica de Chile. Santiago, Chile. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=32454360006> Acesso em: 06 jul. 2021.

MARTIN, Fran. (2005) Ethnogeography: A Future for Primary Geography and Primary Geography Research? *International Research in Geographical and Environmental Education*, 14:4, 364-371, Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Fran-Martin-publication/238104124-Ethnogeography-A-Future-for>

[Primary Geography and Primary Geography Research/links/5417b1950cf2f48c74a40fb0/Ethnogeography-A-Future-for-Primary-Geography-and-Primary-Geography-Research.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-12052011-140234/pt-br.php) Acesso em: 07 jul. 2021.

PALADIM JÚNIOR, Heitor Antônio. *Etnogeografia*: reflexões sobre a educação escolar, a espacialização e a territorialização do povo Xakriabá no norte de Minas Gerais. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010, 220p. (Tese, doutorado em Ciências: Geografia Humana). Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-12052011-140234/pt-br.php> Acesso em: 10 jul. 2021.

RETAILLÉ, Denis. Etnogeographie: Naturalisation des formes Socio-Spatiales In: CLAVAL, Paul. SINGARAVELOU (Sous la direction de) . *Etnogeographies*. Collection, Géographie et Cultures. Paris: L'Harmattan,1995. p.17-38.

STASZAK, Jean François. Ethnogéographie et savoirs géographiques: quelques problèmes méthodologiques et épistémologiques. In: **Bulletin de l'Association de géographes français** 73e année, 1996-1 (janvier). Géographie culturelle. p. 39-54; Disponível em: https://www.persee.fr/doc/bagf_0004-5322_1996_num7311881 Acesso em: 05 jul. 2021.

Submetido em: 17 de abril de 2022.

Devolvido para revisão em: 05 de julho de 2022.

Aprovado em: 03 de agosto de 2022.

Como citar este artigo:

LOPES RIBEIRO, Z. Uma abordagem conceitual sobre a etnogeografia: definições, gênese e fundamentos. Terra Livre, v. 2, n. 57, [2021]. p.39-60. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/terralivre/article/view/2268>.